

O amor de transferência nas obras de Platão e Ana Hatherly

Maria Cristina Vasconcellos de Otoya

Introdução

O amor, como nós entendemos, é um ideal puramente pessoal, aquela espécie de arrebatamento que deriva de olhares em seres predispostos a tal.

Esse trabalho visa a leitura comparativa entre *O Mestre* e *O Banquete*, em que o amor como sentimento da paixão, por se apresentar articulado ao saber, é nomeado por Jacques Lacan de amor de transferência.

Quarenta anos depois da primeira edição (1963), *O Mestre* de Ana Hatherly ainda continua sendo motivo de estudos e despertando paixões. O objetivo da novela é o amor, e falar de amor cria uma circularidade inevitável da qual não se pode fugir. Na tradição da literatura portuguesa, a originalidade da abordagem de Ana Hatherly está na inserção do amor de transferência, que como dito acima, coloca em cena a suposição de um saber no outro. A novela aborda um relacionamento tenso entre dois personagens que se embatem num discurso indefinidamente perturbador.

Ao contrário dos romances do século XIX, em que o amor-paixão se inscreve no triângulo Prostituição, Casamento e Adultério, Ana Hatherly coloca em cena a dicotomia não saber (amante) X suposição de saber (amado).

Como novela, *O Mestre* é portador de um lirismo emocionante em certas passagens, irônico e satírico em outras, com alusões à mitologia. O conceito utilizado por Ana Hatherly para falar de amor usa como símbolo, a Alegria, representando “o amor que suplica ser amado”.

Também em *O Banquete de Platão* o tema é o amor. Só que ao contrário do texto de Ana Hatherly, vamos encontrar uma multiplicidade de concepções de amor, as múltiplas faces de Eros, amor e fala, amor e discurso, amor e palavra. Aqui, o que nos interessa, é a estrutura do amor-paixão, sob a forma de amor de transferência.

Assim sendo, vamos operar um recorte no texto platônico, destacando a relação Sócrates-Alcebiades. Com a chegada de Alcebiades, inteiramente bêbado, Platão introduz o cômico, o que não deixa de apontar para uma das faces do amor. Ou seja: o amor participa simultaneamente do sublime, do trágico e do cômico.

Não vamos encontrar a face cômica do amor em O Mestre. Nele o sentimento da paixão leva a um desfecho trágico, onde o amado (Mestre) é assassinado pela amante (Discípula). O assassinato do Mestre pela Discípula com uma facada no coração é emblemático, uma vez que o coração, no romantismo português, é o símbolo do amor como sentimento da paixão.

Tanto a Discípula quanto Alcebíades sucumbem ao fascínio daqueles que são escolhidos como mestres. Ou seja: aqueles que eles acreditam que têm o saber que lhes falta para se tornarem seres completos. O caminho para ambos encontrarem a verdade é o amor.

Estamos diante do mito do um, segundo a versão de Aristófanes no texto de Platão: Amor é quando uma metade encontra a sua outra metade, é quando de dois se faz um. O amor seria então o encontro harmonioso de duas pessoas. É exatamente o que falta à Discípula e ao Alcebíades e que eles esperam obter pela via do amor.

O Amor de Transferência Sem dúvida existem várias concepções de amor, embora seja impossível definir o que é o amor. Mas isso não impede que se possa amar, falar e identificar algumas modalidades de amor. O amor de transferência é uma dessas modalidades.

Em *A Teoria do Amor*, Nadiá Paulo Ferreira diz:

Lacan afirma que Freud, em seu texto *Observações sobre o amor transferencial* (1915), não hesita em chamar a transferência pelo nome de amor, não evita identificar a estrutura desse amor com a paixão e também não se esquiva de dizer que não há nenhuma distinção verdadeiramente essencial entre a transferência e o que chamamos de amor. (FERREIRA, 2004, p. 32).

Tanto em O Mestre como na relação Alcebíades-Sócrates, em O Banquete, o amor se encontra ligado ao saber, tornando-se via para a descoberta da verdade.

Tanto o Mestre quanto Sócrates se recusam a serem amados pela Discípula e por Alcebíades, respectivamente, porque sabem que o que eles procuram pela via do amor, eles não têm.

O enamoramento de Alcebíades e da Discípula não tem a ver com o que Sócrates e o Mestre verdadeiramente sabem, mas sim com o saber que eles supõem que lhes falta. De que saber se trata? Só pode ser um saber sobre si mesmo.

Tanto em Alcebíades quanto na Discípula, revela-se uma das faces do amor paixão, que é justamente o processo de idealização do objeto, cuja supervalorização faz com que ele seja tomado como insubstituível aos olhos do amante.

Em O Mestre, a personagem da Discípula procura não um homem para amar, mas um Mestre para amar e ser amada. Diz o narrador: “A Discípula [...] está convencida de que há idéias mestras [...] que se transformam na idéia do Mestre que há de ensinar a verdade fundamental de todo o conhecimento [...]” (HATHERLY, 1976, p. 40).

Essa verdade é nomeada pela personagem como sendo a Alegria. A Discípula acredita na existência de um saber totalizante, ou seja, um saber que lhe dará a chave para decifrar o segredo de sua existência, conseguindo com isso a completude. Justamente por isto, ela se dirige ao Mestre, dizendo:

Sabe qual é meu único desejo neste mundo? É atingir a Alegria, mas a Alegria plena a Beatitude, não cinco minutos de Alegria para cinco anos de Tristeza, eu queria a Alegria vivência perfeita... Mestre é por isso que vim procurá-lo, para aprender consigo a arte da Alegria. (HATHERLY, 1976, p. 35).

Em relação à demanda da personagem, o Mestre responde: “-Há coisas que a gente não deve querer” (HATHERLY, 1976, p. 35).

A Discípula oferece-se amável ao Mestre, esperando que ele corresponda ao seu amor, o que implica não só em ser amada, mas ser amada da maneira que ela acredita que deve ser amada. Isto quer dizer que ela deseja o Mestre exclusivamente para si. Esta estrutura também está presente no comportamento de Alcebíades em relação a Sócrates:

- Creio que és o único que merece ser meu amante, e que não tens evidentemente coragem de declarar-te. Pois eu penso desta maneira: seria uma grande tolice não fazer-te a vontade neste ponto, como em qualquer outro, se porventura necessitasses da minha fortuna ou da de meus amigos, porque nada desejo tanto neste mundo como aperfeiçoar-me de modo mais completo, e para isso jamais encontraria um auxílio mais eficaz do que o teu. (PLATÃO, 1996, p. 123).

A Discípula e Alcebíades, como amantes, aparentemente, se colocam na posição de escravos. Mas na verdade o que eles querem é um mestre só para si. Ou seja, um mestre que se coloque aos seus serviços.

Quando o amante se situa nessa posição de querer exclusividade, o que ele verdadeiramente almeja é se tornar o mestre, ditando, portanto, o comportamento do seu amado. Logo, Mestre e Sócrates, no lugar de amados, devem ficar inteiramente subjugados a Discípula e a Alcebíades.

O Mestre e Sócrates devem fazer apenas o que a Discípula e Alcebíades esperam, de forma que o amante se transforme em mestre e o amado em escravo.

Diz Alcebiades: Como amante a perseguir o amado, convidei-o a jantar comigo. Não aceitou desde logo o convite, mas depois de alguma relutância acabou cedendo (PLATÃO, 1996, p. 122).

Diz a Discípula: - Por amor de Deus não julgue que o persigo, é puro acaso encontrar-lo aqui, acredite, há anos venho a este sítio, sempre, acredite (HATHERLY, 1976, p. 40).

Quando o Mestre e Sócrates recusam ser amados por um saber que não têm, eles frustram seus amantes, provocando-lhes o afeto, reverso do amor que é o ódio.

Justamente por isto, a Discípula acha que o Mestre é um farsante e que usa a máscara de mestre para atrair mais discípulos. Diz a personagem: Além disso o Mestre usa máscara, tem máscara, é máscara. Um dos aspectos da sua máscara (ou da sua pessoa) é ser Mestre usa a máscara de Mestre (HATHERLY, 1976, p. 26).

A Discípula anseia por um saber que não faz parte do ensino acadêmico, que não está escrito nos livros, mas que ela supõe que exista. Logo quem deveria ter esse saber só poderia ser um Mestre. Ao identificar em um homem, o Mestre que ela tanto procurava, a Discípula vai seduzi-lo para ser amada, acreditando que dessa forma conhecerá a verdadeira Alegria, ou seja a plenitude. O desejo sexual apareceria então como efeito do amor.

Eis como o narrador nos apresenta a insistência da personagem: A Discípula é muito persistente. Vai todos os dias ao Jardim a ver se o fruto já está maduro [...] Ele está lá. Sentado num banco lê um livro (HATHERLY, 1976, p. 81).

Da sedução à perseguição, a Discípula será rejeitada pelo Mestre que se recusa a atender suas expectativas amorosas. Alcebiades, acreditando que Sócrates sabe o que lhe falta, lança mão de uma série de recursos para conquistar Sócrates. “Começarei dizendo que Sócrates é semelhante a esses Silenos que se encontram nas oficinas dos estatuários, e que os escultores representam com avenas e flautas nas mãos: e quando se abrem essas estátuas vê-se que no interior se aloja um deus” (PLATÃO, 1996, p. 119).

Quando Alcebiades repete a comparação de Sócrates com o sátiro Mársias, ele diz que tal como este, Sócrates é capaz de enfeitiçar, não pela música, mas pela palavra.

A Discípula deseja para si o gozo-a-mais que ela supõe que o Mestre retira do saber. O símbolo desse gozo-a-mais é o riso desconcertante do Mestre.

Um riso com valor de enigma e justamente por isto, um riso que não só a intriga, mas também a desconcerta. A Discípula crê que atrás desse riso enigmático se esconde a Verdade que ela procura saber. No entanto, o Mestre sabe duas coisas: 1º todo saber é não-todo, porque não decifra os enigmas da existência humana e do mundo; 2º o saber não serve para nada a não ser para usufruto de seu próprio gozo.

A Discípula insistente, como toda histérica, não desiste de seu objetivo e insiste em querer saber o que lhe falta para que seja uma verdadeira mulher. Mas isto o Mestre não só não sabe, mas também ri de quem deseja saber.

A Discípula se recusa a se colocar no lugar de objeto causa de desejo do homem, porque ela quer ser o objeto de desejo do homem. Ou seja, aquilo que se existisse, completaria verdadeiramente um homem. Aí está seu equívoco. Ela não percebe que o que ela quer ser pra um homem é impossível. E o que é possível, ou seja, objeto causa do desejo, ela se recusa. E, justamente por isso, ela acredita que quem detém o segredo da feminilidade não é um homem qualquer, mas um Mestre.

A Discípula é prisioneira da concepção de amor romântico, visto que se alimenta do sonho da completude pela via do amor. Tanto a Discípula como Alcebiades amam supondo um saber no outro. Logo eles não só se oferecem ao amado, mas também exigem dele uma prova de amor, a qual não pode ser dada. Em toda prova de amor, o que se segue, é uma reação deceptiva: - Ah!, mas não era isso que eu queria [...] O que eu queria era outra coisa [...]. Essa outra coisa, se existisse seria o falo, isto é, o objeto do desejo humano.

Alcebiades e a Discípula se colocam na posição de que alguma coisa lhes falta, porque alimentam a esperança de virem-a-ser seres a quem nada falta.

Quando o jogo da sedução não funciona mais, o amor da Discípula se converte em ódio, fazendo com que ela mate o Mestre com uma punhalada no coração.

Depois desse ato, a Discípula vê o Mestre morto, segurando-a pelos cabelos com um punhal enfiado em sua cabeça. Assim, Mestre e Discípula, expostos na sala de troféus, convertem-se em símbolos de um perigoso jogo mortal, que é o amor como sentimento da paixão, ou seja, um amor que visa o aprisionamento e a posse do objeto amado.

Referências

FERREIRA, Nadiá Paulo. *A teoria do amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

HATHERLY, Ana. *O mestre*. 2 ed. Lisboa: Moraes Editores, 1976.

PLATÃO. *Diálogos I: Mênon, Banquete e Fedro*. 20 ed. Tradução Paleikat Jorge. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.